

## A HERÁLDICA CAVALEIRESCA NO SALTÉRIO DE ORMESBY

### KNIGHTLY HERALDRY IN THE ORMESBY PSALTER



GIOVANNI BRUNO ALVES<sup>58</sup>

MARIA GABRIELA MOREIRA<sup>59</sup>

#### Resumo

No presente artigo propomos um estudo dos brasões de armas presentes no manuscrito iluminado inglês denominado Saltério de Ormesby, feito entre o final do século XIII e o início do século XIV na região de Norwich, Inglaterra. Para isso, abordamos a Heráldica como um conjunto de sinais que formam uma linguagem, o que, por consequência, implica na sua pretensão em transmitir narrativas das mais diversas. Para a compreensão desse meio de comunicação iniciamos o artigo com uma breve introdução histórica ao seu uso e desenvolvimento. Isso é feito com o auxílio de autores clássicos que se debruçam sobre o tema como Maurice Keen (1984) e Michel Pastoureau (2017). Prosseguimos, a partir da consulta de autores como Michelle Brown (2018) e Michael A. Michael (2019), na seleção e apresentação das ocorrências dos brasões de armas na imagética do Saltério. Não o fazemos de forma a esgotar o tema mas sim a concluir que há diversas possibilidades no trabalho com essa forma de linguagem que vão além da mera função identificadora.

**Palavras-chave:** Saltério de Ormesby; Brasões de armas; Manuscritos Iluminados.

#### Abstract

In this paper we mean to study the coats of arms presented at the English illuminated manuscript called Ormesby Psalter, produced between the ending of the 13th and the beginning of the 14th centuries in Norwicks region, England. To do so, we see Heraldry as constituted by a group of symbols that form a language and, therefore, has as its goal the transmission of diverse narratives. To understand this mean of communication, we begin the article with a brief historical introduction on Heraldry's use and development. This is done with the help of classical authors such as Mauric Keen (1984) and Michel Pastoureau (2017). We continue, through the reading of authors as Michelle Brown (2018) and Michael A. Michael (2019), by selecting and presenting the recurrences of coats of arms among the psalter's imagery. We do not mean to end debates on the matter, but to show that there are plenty of possibilities in the research on this language, going beyond the simplistic identifying function.

**Keywords:** Ormesby Psalter; Coats of arms; Illuminated Manuscripts.

<sup>58</sup> Doutorando em História, Cultura e Narrativas pelo programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre e graduado em pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEM).

<sup>59</sup> Graduada no curso de História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), mestranda em História na linha de pesquisa História, Cultura e Narrativa na mesma universidade. É membrodo Laboratório de Estudos Medievais (LEM)



## Introdução

Os manuscritos iluminados produzidos na Baixa Idade Média inglesa são objetos importantes para o estudo da cavalaria e sua relação com as imagens no mesmo período. Como parte de um fenômeno de forte interesse e identificação deste grupo social com os livros repletos de imagens em suas páginas podemos abordar um vasto número de temáticas pertinentes à compreensão da cultura visual cavaleiresca para além daquilo já abordado através da escrita.

Tendo isso em mente, nosso objetivo no presente artigo está em buscar, em um destes manuscritos, a compreensão da heráldica e das formas como ela é figurada em suas páginas. O manuscrito elegido é denominado Saltério de Ormesby. Trata-se de um manuscrito iluminado feito, em sua maior parte, durante as duas primeiras décadas do século XIV, na região de Norwich, Inglaterra. Como veremos a seguir, variados grupos sociais estiveram envolvidos em sua confecção, como monges e cavaleiros. Algo que é atestado, dentre outras coisas, pela própria imagética do Saltério.

Iniciamos o artigo com uma breve introdução acerca da Heráldica, levando em consideração sua definição como linguagem, à qual acedemos, e o seu desenvolvimento durante o período medieval, com devida ênfase em seu aspecto militar e cavaleiresco neste momento inicial.

Na segunda parte do presente trabalho nos dedicamos à consideração de alguns exemplos da ocorrência da heráldica nas imagens do Saltério de Ormesby. Primeiramente, buscamos historicizar a sua tipologia, tendo em vista a particularidade dos manuscritos iluminados no medievo e, em especial, durante os últimos séculos da Idade Média, momento no qual se caracterizava justamente por sua forte ligação com as mais variadas camadas da nobreza, seja na Inglaterra, seja na França e em outros reinos do Ocidente europeu.

Compreender a relevância de tais livros para a nobreza e, em especial, a cavalaria na Inglaterra, é necessário para que então possamos investigar a proliferação dos brasões de armas como parte da cultura cavaleiresca em tais manuscritos. É exatamente o que ocorre no Saltério de Ormesby que, ainda que tendo seu nome e outras características inspirados em seu último e mais conhecido comitente, um frade de Norwich, possui também claras referências à nobreza inglesa, e, em específico, às famílias Foliot e Bardolf que, como veremos, possuem figuração direta nas páginas do Saltério.



Finalizamos o artigo considerando as motivações e as possíveis narrativas abordadas pelas imagens de brasões de armas e de referências à heráldica em geral na imagética do Saltério de Ormesby. Longe de esgotar as possibilidades acerca desse tema, demonstramos no decorrer do artigo a importância e a necessidade de uma investigação mais detalhada e concisa acerca do mesmo, sendo esta uma mera tentativa de apresentar e propor novas investigações futuras baseadas não somente na Heráldica mas em muitas outras temáticas possíveis de serem trabalhadas nas imagens desse manuscrito iluminado.

### **A linguagem da heráldica cavaleiresca**

Nossa proposta aqui é uma definição da heráldica como linguagem. Ainda que tenha sido classificada nos dicionários como a arte ou ciência das insígnias armoriais, ela é, melhor descrita, um sistema hereditário de símbolos para a identificação de uma linhagem, família, corporação ou indivíduo, um sistema originário da Europa Ocidental durante a Baixa Idade Média (WISE; HOOK; WALKER, 1980, p. 4). A definição de linguagem no dicionário online *Cambridge Dictionary* consta como: “um sistema de comunicação por meio da fala, escrita ou produção de sinais de uma maneira que possa ser entendida<sup>60</sup>” (LANGUAGE, 2023). Portanto, pensemos na heráldica, antes desta vir a ser ciência ou disciplina, primeiro na condição de comunicadora, na qualidade de linguagem. Krzysztof Pomian, quando inaugura o conceito de um *semióforo*, bastante expressivo à nossa proposta aqui, o entende como objeto visível investido de significado, “mas alguém precisa reconhecer essa função nele, se não é só uma coisa” (POMIAN, 1998, p. 77) e, ainda, “(...) cada um é composto de um suporte e de signos, que cada um possui um lado material e um lado significante, em suma, que são todos objetos visíveis investidos de significados.” (POMIAN, 1998, p. 86). Portanto, a heráldica, valendo do conceito de Pomian (1998), é um objeto identificado visível que lhe foi conferido pelo produtor uma função, registrado na sua aparência, lida pelos pares e compreendida dentro de um contexto geográfico e social específico, tal qual uma linguagem.

Historiadores concordam quanto ao princípio da heráldica se estabelecer no meio bélico. Devido a um número crescente de guerreiros houve a necessidade de identificar os prisioneiros e avaliar o desempenho individual, logo as insígnias em seus escudos cumpriam essa função. Os torneios cavaleirescos, popularizados nos séculos XII e XIII,

---

<sup>60</sup> No original: “a system of communication by speaking, writing, or making signs in a way that can be understood” LANGUAGE, 2023)



representantes de uma força poderosa que tinha a cavalaria, eram um momento de enriquecimento para seus participantes, através do resgate de prisioneiros e da captura de valiosos cavalos de guerra, além de servir como treinamento marcial. Estas “guerras falsas” tiveram um papel importante para o sucesso da heráldica, pois os torneios colaboraram notadamente na promoção do uso de acessórios individuais, que antes serviam como mera decoração, enquanto marcas de reconhecimento, ou seja, podia-se então dizer quem era que alguém não tinha sido desmontado do cavalo pelo oponente, e poderia esperar fazer prisioneiro, juízes e espectadores poderiam julgar melhor o desempenho individual desses homens (KEEN, 1984, p. 125-126). Sendo o foco aqui o diálogo deste tipo de evento com o aparecimento da heráldica, entende-se que “o torneio era um exercício para a elite, e simplesmente aparecer lá, armado e montado e com seu próprio escudeiro ou escudeiros presentes, era em si uma demonstração do direito de um homem de se misturar em uma sociedade de elite, de sua identidade social.”<sup>61</sup> (KEEN, 1984, p, 90, tradução nossa)

O surgimento das armas em grande proporção remodelou as práticas emblemáticas e simbólicas da sociedade medieval na primeira metade do século XII na Europa Ocidental, ainda que as insígnias usadas nos escudos dos guerreiros para identificar indivíduos em batalha era uma prática já desde os tempos clássicos. Nesse sentido, Wise, Hook e Walker põem em questão o que tornaria a heráldica medieval única e revelam que as insígnias são herdadas sem alteração pelos herdeiros dos antigos portadores (WISE; HOOK; WALKER, 1980, p. 4). Essa diferenciação entre o símbolo que é legado e transmitido e aqueles que não o são, é o que Michel Pastoureau vai chamar de proto-heráldica, não verdadeira heráldica, porque ainda não se pode dizer que um indivíduo tomou armas específicas porque o projeto foi associado a membros anteriores de sua família. Neste início, a força motriz para o desenvolvimento de dispositivos foi a exigência entre os nobres, em tempos de guerra e paz, de criar símbolos de identidade pessoal, mas essa necessidade era independente de quaisquer motivos familiares (CROUCH, 2002, p. 29).

A identidade de um sujeito, bem como sua posição dentro de um grupo que corresponde a sua honra e condição social, são visados por esses novos sinais que vão sendo organizados durante o século XII, como afirma Pastoureau. Este mesmo autor

---

<sup>61</sup> No original: “The tournament was an exercise for the elite, and simply to appear there, armed and mounted and with his own squire or squires in attendance, was in itself a demonstration of a man's right to mingle in an elite society, of his social identity.” (KEEN, 1984, p, 90)



relata que com a multiplicação das insígnias, e sob a influência da escola que fazia sua tímida aparição no período, passam do simples repertório ou da simples nomenclatura para o verdadeiro sistema organizado. No final do século XII, dentro da mesma família, o seu uso tornou-se frequentemente hereditário, e é este carácter familiar e hereditário que lhes dá a sua essência definitiva (PASTOUREAU, 2017, p. 118). É então que a heráldica se estabelece, florescendo e ampliando suas combinações ao longo dos séculos XIII e XIV.

A heráldica não é uma temática exatamente fácil de ser decifrada, suas origens não podem ser explicadas apenas pelo desenvolvimento do equipamento militar, ela está enraizada em uma nova ordem social que se formou na sociedade ocidental no período feudal explicado por novos modos de vida ainda nos séculos XI e XII. Ventura elenca três razões para isso: a ascensão dos senhores feudais à nobreza e a exigência do uso de insígnias para a sustentação da linhagem; a consolidação da cavalaria e a necessidade de distinção junto a seus pares quanto ao seu grau hierárquico por ocasião dos torneios; e o fortalecimento da Igreja Cristã, que incitou a reconquistar a Terra Santa por meio das Cruzadas (VENTURA, p. 532). Sobre esta nova sociedade e sua relação com as armas, Pastoureau expõe:

Do colapso do império carolíngio e dos distúrbios que se seguiram, surgiu uma nova ordem social, que outrora se definiu como feudal e que os historiadores hoje preferem chamar de senhorial. Esta nova ordem é caracterizada por um «encapsulamento» de todas as classes e categorias sociais. Todo indivíduo – nobre ou plebeu, clerico ou leigo, camponês ou cidadão – é agora colocado em um grupo e esse grupo em um grupo maior. A sociedade tende assim a tornar-se um mosaico de células, inscritas umas nas outras. As armas parecem-me ter nascido destas novas estruturas sociais. A novas estruturas, novas regras: é preciso ser capaz de se identificar, reconhecer, proclamar. Os antigos sistemas de identidade já não são suficientes ou já não são adequados, porque se baseiam numa ordem social que desapareceu. É preciso criar novos. A arma é uma destas novas regras individuais, e a heráldica é um destes novos sistemas. Mas há outros, coevas e ligados à jovem heráldica (PASTOUREAU, 2017, p. 118, tradução nossa)<sup>62</sup>.

<sup>62</sup> No original: “Dal crollo dell’impero carolingio e dai disordini che ne sono scaturiti è uscito un ordine sociale nuovo, che si definiva un tempo feudale e che gli storici oggi preferiscono chiamare signorile. Questo nuovo ordine si caratterizza per un «incellulamento» dell’insieme delle classi e delle categorie sociali. Ogni individuo – nobile o plebeo, chierico o laico, contadino o cittadino – è ormai posto in un gruppo e questo gruppo in un gruppo più largo. La società tende in tal modo a divenire un mosaico di cellule, iscritte le une nelle altre. Le arme mi sembrano nascere da queste nuove strutture sociali. A nuove strutture, nuove regole: occorre potersi identificare, riconoscere, proclamare. I vecchi sistemi d’identità non bastano più o non sono più idonei, perché si fondano su un ordine sociale che è scomparso. Occorre crearne di nuovi. L’arme è una di queste nuove regole individuali, e l’araldica uno di questi nuovi sistemi. Ma ve ne sono altri, coevi e legati alla giovane araldica” (PASTOUREAU, 2017, p. 118).



De acordo com Maurice Keen, a linguagem de sinais da heráldica tinha um potencial significativo num papel social, cultural e histórico (KEEN, 1984, p. 133). Tal observação mostra-se bastante operante se pensarmos, conforme discute Umberto Eco, que a tradição ocidental moderna está habituada a distinguir alegorismo de simbolismo, mas que até o século XVIII esses dois termos eram considerados praticamente sinônimos, como o foram para a tradição medieval (ECO, 2010, p. 111). Logo, se o alegórico e o simbólico se mesclam na sociedade para a qual nos debruçamos, a heráldica tem uma autoridade de representação generosa, baseado em uma memória visual, interpreta-se o que é apresentado pela heráldica. Umberto Eco declara:

O homem medieval vivia, efetivamente, em um mundo povoado de significados, referências, supra sentidos, manifestações de Deus nas coisas, em uma natureza que falava continuamente uma linguagem heráldica, na qual um leão não era só um leão, uma noz não era só uma noz, um hipogrifo era real como um leão porque, como este, era signo, irrelevante existencialmente, de uma verdade superior (ECO, 2010, p. 104-105).

Adentrando ligeiramente este quadro medieval de significados e significantes, Pastoureau afirma que na heráldica as modas são mais geográficas do que sociais (2017, p. 60) e que os conceitos de cores e todo o espectro de classificação que conhecemos hoje, quente e frias, fundamentais e complementares, encontram-se historicamente localizadas e não devemos transpor nossos conceitos para entender os da época. Apesar de parecer um lembrete simples acerca do anacronismo histórico, valendo-se das palavras de Pastoureau, devemos lembrar que tais leis “não são verdades eternas, mas apenas etapas na história em mudança do conhecimento” (PASTOUREAU, 2017, p. 67-68, tradução nossa)<sup>63</sup>.

Falemos então de cores, figuras e formas geométricas, elementos regidos pela heráldica, sem nos aprofundarmos ainda nesse tópico, pois teremos essa chance na continuidade deste artigo, abarcando aqui uma visão da composição geral. Sendo a heráldica um sistema de identificação visual e simbolismo baseado nos brasões de armas, para a composição dos mesmos, vários elementos foram emprestados, “os estandartes forneceram as cores e as divisões geométricas; os sinetes, o repertório das figuras (animais, plantas, objetos) e seu caráter hereditário; os escudos, enfim, a forma triangular e a disposição geral.” (PASTOUREAU, 1989, p. 98). O simbolismo heráldico está

---

<sup>63</sup> No original: [...] “non sono verità eterne ma soltanto tappe nella storia mutevole dei saperi.” (PASTOUREAU, 2017, p. 67-68)



subordinado a ideias básicas, “o leão evoca a força; o carneiro, a inocência; o javali, a coragem; a cruz, o cristão, etc.”. (PASTOUREAU, 1989, p. 98)

Michel Pastoureau compila algumas das possibilidades na escolha da composição de um brasão de armas. Esta poderia repousar sobre uma questão política, carregando assim a mesma figura do senhor ou chefe do grupo pertencente, dando o exemplo das famílias flamengas que portavam um leão em seu escudo; também para tornar presente uma linguagem, um fato histórico, origem geográfica, uma profissão, ou ainda, uma referência ao nome de família, de batismo ou cognome. Olhamos para o brasão como um marcador social, uma criação para representar aquele grupo específico, logo a escolha do metal e da cor vai determinar que aquelas pessoas possam ser lidas e reconhecidas na qualidade de alguém ou grupo, tornando a seleção tanto do metal quanto das cores significantes, pois oferecem uma nova chave de compreensão, é uma informação de interpretação do jogo social, caracterizando função, situação e posição (ROCHE, 2007, p. 26).

A heráldica deixa a nobreza e a cavalaria para ocupar a pequena nobreza e não-combatentes, com isso, o catálogo de figuras usadas nos brasões avolumam, também porque deixam de se adicionar apenas a instrumentos militares, como escudos e estandartes, mas ocupando espaço na vida cotidiana, em objetos, móveis e vestimentas (PASTOUREAU, 1989, p. 99). Uma perspectiva do cultural - das sociedades - revela-se através da vestimenta e da moda e os aspectos que cercam esse campo, pois a roupa também é um dos códigos de leitura social. Entende-se que vestir uma roupa é vestir uma cultura, nesta lógica, Roche (2007, p. 21) revela que “a história da roupa nos diz muito acerca das civilizações; ela revela seus códigos”. Nestes parâmetros, os cavaleiros e os adereços lhe cobriam o corpo, ainda, mais especificamente, os brasões que levavam para os torneios, podem revelar uma parte de uma realidade social do grupo. Nos concentramos na indumentária, a esse respeito, Calanca diz que:

[...] é um fenômeno completo porque, além de propiciar um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico, também tem valência de linguagem, na acepção de sistema de comunicação, isto é, um sistema de signos por meio do qual os seres humanos delineiam a sua posição no mundo e a sua relação com ele (CALANCA, 2008, p. 16).

Uma das abordagens da história do vestuário, segundo Daniel Roche (2007), é a função da roupa, desse modo, a utilidade do brasão é identificação, sendo eles um dos espelhos mais fiéis da mentalidade medieval (PASTOUREAU, 1989, p. 97). A roupa era uma parte importante do cavaleiro. Os cavaleiros vestiam uma toga, chamada de



sobretudo, por cima da armadura, e os sobretudos tinham o brasão de armas que identificava o cavaleiro nas justas ou torneios. Se “a distinção pelo ornamento era fundamental na sociedade das ordens” (ROCHE, 2007, p. 52), Ailes indica que, no mundo cavaleiresco, o vestuário pode ter contribuído para a ideia de uma “ordem de cavalaria” a partir do final do século XII: o manto da cerimônia de cavalaria, as esporas e a espada, eram elementos essenciais à imagem dos cavaleiros apelidados. Vestido específico, acessórios de equitação e armas também podem ter contribuído para a construção de uma imagem específica para os cavaleiros (AILES, 2002, p. 115).

### **A Heráldica no Saltério de Ormesby**

Um dos aspectos mais relacionados à expressão visual da cavalaria medieval, especialmente após o século XIII é a confecção de manuscritos iluminados (BACKHOUSE, 2000, p. 9; 48). Ao se destacar no mesmo domínio ao qual os brasões se relacionariam em um período contemporâneo, é evidente a relação entre os dois fenômenos e, dessa forma, explicamos a eleição de um destes manuscritos como nosso principal recorte documental: o Saltério de Ormsby (MS. Douce 366, Bodleian Library, c. 1310-1325).

Antes de folhearmos as páginas iluminadas do manuscrito que ocupa parte do título deste trabalho, é necessário pensarmos, de forma geral, acerca de sua tipologia: os manuscritos iluminados. Esses livros são denominados com base em sua principal característica, as iluminuras, ou imagens e decoração, que permeiam suas páginas.

A história dos manuscritos iluminados medievais pode ser traçada aos primeiros mosteiros que, durante a Alta Idade Média, passaram a se dedicar à produção intelectual e artística, dentre elas, a cópia e iluminação de livros no formato de códex. É o que ocorre, no contexto insular britânico, com os mosteiros de inspiração irlandesa durante os séculos VII e VIII (MEGGS; PURVIS, 2009, p.67-68); ou, no contexto continental, um século mais tarde após as reformas carolíngias<sup>64</sup> empregadas especialmente por Carlos Magno (742-814) e Alcuíno de York (735-804), seu conselheiro (BACKHOUSE, 2000, p. 12).

---

<sup>64</sup> As reformas se originaram com a preocupação em uniformizar a produção de manuscritos nos mosteiros do vasto território dominado por Carlos Magno, até então bastante multiforme. Para isso, entre outras coisas, buscou-se uma padronização da escrita com a introdução das minúsculas carolíngias: uma tipografia que facilitaria e agilizaria o ato de escrever, além de outros padrões de trabalho (BACKHOUSE, 2000, p. 12).



Ou seja, tratava-se de uma produção eminentemente religiosa, ao menos no que tange à sua localidade. E dessa forma permaneceu até aproximadamente o século XII, quando a confecção de livros em geral foi profundamente alterada como consequência do contexto de urbanização e revolução urbana e comercial enfrentado por diversos centros do Ocidente (HAMEL, 2008, p. 07).

É a partir deste contexto que podemos pensar em um envolvimento indireto e, em alguns casos, direto entre membros da nobreza e da aristocracia e esses objetos. Dado nosso recorte, nos concentraremos à exploração desse fenômeno em solo inglês nos próximos parágrafos.

Entre a segunda metade do século XIII e a primeira metade do século XIV, o envolvimento de uma nobreza intermediária na produção de manuscritos iluminados altamente luxuosos e custosos foi observada por diversos historiadores na região da Anglia Oriental, Inglaterra. Por boa parte do século XX, todo esse movimento foi generalizado sob o conceito de “escola da Anglia Oriental”, uma generalização hoje tida como problemática<sup>65</sup> por ignorar a falta de elementos abrangentes para todos os manuscritos do momento, com exceção de duas, de muita relevância para o presente trabalho: a geografia e o estrato social responsável por patrocinar as obras: nobres, em sua maioria cavaleiros e barões, da Anglia Oriental e regiões adjacentes (Lincolnshire, Cambridgeshire, etc.) (BACKHOUSE, 2000, p. 9).

O Saltério de Ormesby, ainda que muitas vezes classificado como sendo parte da escola da Anglia Oriental, é um dos exemplos de casos em que há mais divergência do que comunhão com a “regra”. A primeira dessas divergências, bastante relevante para o nosso estudo, é o fato de que o patronato do manuscrito é, em sua quase totalidade, desconhecido. A principal figura com ligação a ele não é um cavaleiro e nem parte da nobreza, mas sim um homem religioso: o monge Robert de Ormesby (ALEXANDER; PACHT, 1973, p. 53). Contudo, como era comum entre manuscritos iluminados do período, falar em um único patrono ou em uma única etapa de iluminação é ser bastante simplista. Robert teria sido o último comitente (junto ao bispado de Norwich), responsável pela terceira e última etapa de iluminação do manuscrito, que se deu aproximadamente entre 1320 e 1330 (MICHAEL, 2019, p. 189).

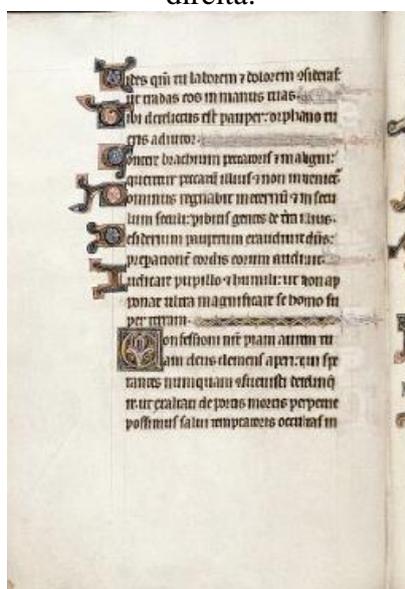
---

<sup>65</sup> Para mais informações, ler o artigo “The east anglican problem: fresh perspectives from an unpublished psalter.” de Bruce Watson (1974). Nele, o autor trabalha a problemática da generalização de um grupo diverso de manuscritos sob o guarda chuva de “Anglia Oriental”.



O trabalho no Saltério de Ormesby havia, entretanto, iniciado muito mais cedo, ao final do século XIII, com uma segunda etapa tendo ocorrido por volta de 1310. Nesse caso, não temos muita informação acerca de seus comitentes ou autoria, mas há sim alguns indícios, como referências às famílias nobres de Foliot e Bardolf, no ciclo de 1310, o que indica que possivelmente um cavaleiro Foliot recém-casado com uma companheira Bardolf<sup>66</sup>, ligando as duas, teria estado envolvido na produção do Saltério (ALEXANDER; PACHT, 1973, p.49). O que indica tal ligação é exatamente nosso objeto de estudo: a heráldica, presente no casal ilustrado no fólíio 9v (Imagem 1).

**Imagem 1** - Detalhe da inicial “B”, homem Foliot à esquerda e mulher Bardolf, à direita.



Fonte: Bodleian Library MS. Douce 366, f. 9v, Oxford: Bodleian Library. Disponível em: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/06c3f494-5e28-4d92-9603-80d77f07a318/surfaces/f1f4d16f-0ec1-441b-919f-239c45596ba1/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Se estamos, desde o início, considerando a heráldica como uma forma de linguagem, há um pressuposto do qual não podemos nos afastar: a comunicação. Como imagens, a heráldica trabalha com a emissão de mensagens através de seu próprio conjunto de signos. Com suas particularidades, pode ser mais bem sucedida em transmitir certas ideias que o texto ou outros tipos de imagem e meios de comunicação não abrangem. Dito isso, chegamos ao problema focal: qual seriam estas ideias, especialmente no caso do Saltério de Ormsby?

<sup>66</sup> Ainda que, conforme Otto Pacht e Jonathan Alexander (1973), não há qualquer evidência de que tal casamento tenha ocorrido para além do saltério (ALEXANDER; PACHT, 1973, p.49).



Infelizmente, devemos informar ao leitor o inevitável: não há uma única resposta para nossa pergunta. Em um manuscrito com variadas etapas de produção, cada uma com diferentes sujeitos envolvidos e, portanto, intencionalidades diversas, qualquer regra seria falha. Mesmo em manuscritos mais concisos, a lógica dessa tipologia nos obriga a estudar cada caso relacionando-o ao restante de sua página e ao manuscrito como objeto a ser utilizado em sua plenitude em seu contexto social (no seu caso, mais provavelmente, no contexto religioso do priorado de Norwich), assim como orienta Jérôme Baschet (2008), a partir de seu conceito de *imagem-objeto* (BASCHET, 2008, p. 48).

Como exemplo, na imagem acima, não estamos meramente falando de uma apresentação de um casal de comitentes identificado pela heráldica em suas roupas (à esquerda o homem com as armas Foliot, e à direita, a mulher com a heráldica dos Bardolf) mas sim de uma página *Beatus*<sup>67</sup>, normalmente uma das principais, se não a principal, página de um *Saltério* iluminado. Os dois estão localizados não somente nesta página, mas no interior da inicial “B”, seu ponto focal: ou seja, o lugar de mais prestígio em todo o manuscrito. O que isso significaria? Primeiramente, ter os brasões de suas famílias expostos muitas vezes quando o livro fosse aberto para utilização e leitura dos Salmos. Com isso, é comunicado poder e recursos para a confecção do mesmo, mas também a devoção do casal e a necessidade de orações por suas almas, que continuaram as recebendo mesmo após suas mortes, através do livro que se mantinha utilizado.

Entretanto, nosso objetivo com o presente artigo não é esgotar as possibilidades do estudo da presença cavaleiresca no *Saltério* de Ormesby, tampouco seria traçar uma análise definitiva de todas as intencionalidades e questionamentos acerca do uso da heráldica como parte de tal presença no manuscrito em questão. Este estudo tem somente como pretensão apresentar as várias possibilidades de abordar os brasões de armas cavaleirescos no *Saltério*, algo que pode contribuir com o estudo de outros manuscritos iluminados nobiliárquicos do mesmo contexto histórico.

Com isso em mente, podemos prosseguir para as outras páginas iluminadas do *Saltério* de Ormesby. Como forma de facilitar a análise e a leitura, identificamos na imagética do *Saltério* três principais tipos de imagens contendo brasões de armas. Nossa definição tem como base o elemento da página em que os brasões se inserem, como o trabalho de Michelle Brown (2018), que visa a auxiliar o historiador da arte na análise dos diversos elementos de uma página de um manuscrito iluminado.

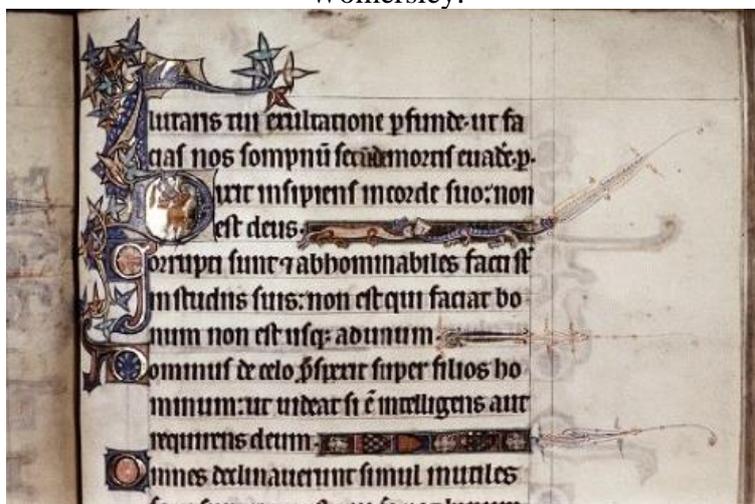
---

<sup>67</sup> O início do primeiro Salmo, que muitas vezes conta com figurações de Davi ou da Árvore de Jessé.



O primeiro grupo de brasões é o mais numeroso: aqueles que ocupam os “preenchimentos de linha” (no original, *line-fillers*) (Imagem 2). Estes quadros têm como objetivo preencher a linha após frases que finalizam versículos dos Salmos, para que não sejam deixadas em branco, contribuindo, assim, com a organização do decoro da página (BROWN, 2018, p. 64). Sua relevância não está na análise do significado individual de cada brasão, mas em suas coletividades e grande número no decorrer do manuscrito. A presença constante de brasões em toda a seção iluminada do Saltério de Ormesby torna, como consequência, a cavalaria presente em seu projeto de iluminação. Tal relação é dialética, tendo em vista que, da mesma forma, reafirma a importância deste conjunto de códigos simbólicos para o restrito grupo social da cavalaria inglesa do século XIV.

**Imagem 2** - Preenchimento de linha com brasões do Conde de Warenne e de Womersley.



Fonte: Bodleian Library MS. Douce 366, f. 22r, Oxford: Bodleian Library. Disponível em: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/06c3f494-5e28-4d92-9603-80d77f07a318/surfaces/89e2e692-b862-458d-a1e9-ee4fb32be6a1/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

O segundo grupo de brasões é composto, na verdade, por apenas um exemplar, e é caracterizado por ocupar uma inicial historiada<sup>68</sup> (Imagem 3) no fólio 38r, que narra a unção de Davi por Samuel. Mesmo estando em menor número, sua relevância na narrativa dos Salmos e no programa de iluminação do Saltério de Ormesby é muito maior do que a do grupo anterior. Isso se explica pela posição, sendo uma das principais divisões dos

<sup>68</sup> Segundo Michelle Brown, uma Inicial Historiada é “uma letra que contém uma cena ou figura identificável, algumas vezes relacionada ao texto” [no original: A letter containing and identifiable scene of figures, sometimes relating to the text] (BROWN, p.55, 2018, tradução nossa).

Salmos de acordo com a liturgia das Horas<sup>69</sup>. Ou seja, era uma página bastante utilizada e frequentemente visualizada durante o uso do manuscrito (KAUFFMANN, 2008, p. 475-476).

**Imagem 3** - Inicial historiada com a unção de Davi por Samuel.



Fonte: Bodleian Library MS. Douce 366, f. 38r, Oxford: Bodleian Library. Disponível em: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/06c3f494-5e28-4d92-9603-80d77f07a318/surfaces/c1d5abf5-23ae-488d-837d-ceae8eacdd90/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

O terceiro e último grupo aqui apresentado é, também, o grupo mais heterogêneo: os brasões presentes nas imagens marginais. As *marginálias* não são facilmente generalizáveis, pois muitas de suas características variam de manuscrito para manuscrito e, também, de acordo com a sua posição em cada página deles (SMITH, 2012, p. 30). Destacamos, por exemplo, dois tipos de *marginália* com apresentação de brasões no Saltério de Ormesby: uma, posicionada na margem superior da página; e as outras duas, na chamada *bas-de-page*, seção mais semanticamente relevante das margens de uma página de um manuscrito iluminado, mas neste caso, de forma incomum, com uma considerável intersecção com o bloco de texto. A primeira deles, no folio 55v, apresenta a narrativa cavaleiresca da captura de um unicórnio descansando no colo de uma virgem (Imagem 4); a segunda, por sua vez, narra o embate entre um cavaleiro com uma besta de várias cabeças, mimetizado logo abaixo por coelhos combatentes (Imagem 5).

<sup>69</sup> Basicamente, estes manuscritos estavam organizados com base em dois sistemas de divisão, ligados à leitura dos Salmos marcados nas *Matinas* e nas *Vésperas* de cada dia da semana (poderia ocorrer de um manuscrito apresentar os dois sistemas ao mesmo tempo): o primeiro consiste em 8 Salmos, chamado de *ferial* (1, 27(26), 39(38), 53(52), 69(68), 81(80), 98(97), 110(109)); o segundo, de 3, chamado *tripartite* (1, 52(51), 102(101)) (KAUFFMANN, 2008, p. 475-476).



Imagem 4 - Captura de um Unicórnio.



Fonte: Bodleian Library MS. Douce 366, f. 55v, Oxford: Bodleian Library. Disponível em: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/06c3f494-5e28-4d92-9603-80d77f07a318/surfaces/d7aae58b-4847-48c6-b4af-804765c9586b/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Imagem 5 - Cavaleiro Foliet *versus* Besta.



Fonte: Bodleian Library MS. Douce 366, f. 128r, Oxford: Bodleian Library. Disponível em: <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/06c3f494-5e28-4d92-9603-80d77f07a318/surfaces/9287a765-f838-40f4-95da-f347576055e3/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Enquanto os escudos posicionados nos preenchimentos de linha se relacionam indiretamente com o patronado do manuscrito, ou seja, com famílias relacionadas aos Foliot, como as armas do Conde de Warenne presentes no fólio 22r, dentre outros, a análise do segundo e terceiro grupo trazem ainda mais evidências da relação entre a cavalaria e os manuscritos iluminados de forma geral.



Neste ponto, nos referimos especificamente à presença repetida do brasão dos Foliot. Como já apresentado, sua primeira aparição se dá no fólio com maior relevância semântica na organização interna do manuscrito, na inicial historiada de Beatus. Mas ela não para por aí. Temos novamente sua presença em outra zona de grande importância já também abordada no presente artigo: um cavaleiro com as armas Foliot está observando a unção de Davi por Samuel na inicial historiada do fólio 38r, apresentado acima. Ainda mais, uma última aparição do mesmo brasão se dá na última figura que apresentamos, narrando o embate entre o cavaleiro e a besta, em que o cavaleiro está justamente identificado aos Foliot através da Heráldica.

O que tais constatações poderiam nos indicar acerca da heráldica e da relação entre os cavaleiros, essa forma de linguagem, e os manuscritos iluminados? Inicialmente, podemos sugerir que a presença constante e repetida de aliados e superiores aos Foliot, como o conde de Warenne, através da heráldica, se dá de forma a confirmar e a celebrar tal aliança política (MICHAEL, 2018, p.190). As recorrências das armas dos Foliot, por sua vez, vão além. É possível, com o auxílio de Michael A. Michael pensar através do princípio da proximidade, que sustenta a *presentificação* do referente da heráldica aos objetos e locais em que a mesma seria figurada (MICHAEL, 1997, p.73). Nesse caso, tratamos especificamente de locais religiosos, como a Catedral de Norwich, e meio a celebrações sagradas envolvendo a leitura dos Salmos: é nessa ação que a figura dos Foliot estaria diretamente envolvida, não somente para ser comemorada, mas para ter também para si direcionadas as orações e os serviços religiosos prestados com a utilização do Saltério de Ormesby. Para isso, é necessário figurar em partes relevantes do manuscrito, como as principais divisões de Salmos e a página do Beatus. Por fim, o belicismo residual, característico da prática cavaleiresca nos séculos anteriores, também está ligado à imagem dos Foliot por meio da identificação do inimigo da besta no fólio 128r. Nela, um conflito espiritual é protagonizado pelo cavaleiro que, cumprindo sua função bélica, também tem participação na salvação espiritual da cristandade.

### **Considerações Finais**

A heráldica, como linguagem, narra. Pudemos constatá-lo no decorrer do presente artigo, ao apresentarmos apenas algumas das possíveis interpretações e mensagens que são ligadas à figuração dos brasões de armas cavaleirescos no Saltério de Ormesby. Como viemos afirmando, trata-se de sugerir e trazer à tona parte da riqueza da imagética deste manuscrito, ainda muito inexplorado pela historiografia.



Mesmo tendo seu nome atrelado à figura de um monge, as ligações do Saltério de Ormesby à cavalaria inglesa são claras e estão presentes em toda a sua materialidade. Argumentamos que a heráldica faz parte dessa relação entre manuscrito e grupo social, seja por meio da figura de um possível comitente cavaleiro, seja pelas referências às relações feudais deste comitente ou, até mesmo, por meio da mera presença dos brasões de armas em cenas e narrativas cavaleirescas como no caso da captura do unicórnio no fólio 55v.

O Saltério de Ormesby é, como vários outros saltérios e livros de horas de seu contexto, um manuscrito eminentemente cavaleiresco. E, como tal, conta com uma gama de possibilidades para o estudo da cavalaria e da heráldica em torno de sua imagética. Além disso, ele mostra a possibilidade de se avançar para além do simples *topos* da heráldica como identificação. Como um conjunto de signos visando à comunicação, ela é muito mais do que isso. O que pudemos constatar durante a análise de algumas das imagens do manuscrito em questão: ela significa, aproxima, identifica, representa, projeta e redireciona, dentre várias outras funções e possibilidades até então disponíveis para investigação.

**Data de Submissão:** 19/04/2023

**Data de Aceite:** 17/07/2023

### Referências

ALEXANDER, Jonathan; PACHT, Otto. **Illuminated Manuscripts in the Bodleian Library Oxford**. v. 03. Oxford: Clarendon Press, 1973.

AILES, Adrian. Heraldry in Medieval England: Symbols of Politics and Propaganda. In: **Heraldry, pageantry, and social display in medieval England**. Ed. Peter Cross e Maurice Keen. Woodbridge: The Boydell Press, 2002.

BACKHOUSE, Janet. **The Illuminated Manuscript**. London: Phaidon Press, 2000.

BASCHET, Jérôme. **L'iconographie médiévale**. Paris: Gallimard, 2008.

BROWN, Michelle. **Understanding Illuminated Manuscripts: A Guide to Technical Terms**. Revised Edition. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2018.

CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Editora Senac, 2008.

CROUCH, David. The Historian, Lineage and Heraldry (1050-1250). In: **Heraldry, pageantry, and social display in medieval England**. Ed. Peter Cross e Maurice Keen. Woodbridge: The Boydell Press, 2002.



DE HAMEL, Christopher. Books and Society. In: MORGAN, Nigel; THOMSON, Rodney. (orgs.). **The Cambridge History of the Book in Britain: 1100-1400**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008. v. 2. p. 3-21.

ECO, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010.

KAUFFMANN, Martin. Illustration and Ornament. In: MORGAN, Nigel; THOMSON, Rodney. (orgs.). **The Cambridge History of the Book in Britain: 1100-1400**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2008. v. 2. p. 474-487.

KEEN, Maurice. **Chivalry**. Yale University, 1984.

MEGGS, Philip; PURVIS, Alston. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MICHAEL, M. A. The privilege of 'proximity': towards a re-definition of the function of armorials. **Journal of Medieval History**, Vol. 23, n. 1, p. 55-74, 1997. Disponível em: [researchgate.net/publication/223222059\\_The\\_privilege\\_of\\_'proximity'\\_Towards\\_a\\_re-definition\\_of\\_the\\_function\\_of\\_armorials](https://www.researchgate.net/publication/223222059_The_privilege_of_'proximity'_Towards_a_re-definition_of_the_function_of_armorials). Acesso em: 17 set. 2021.

MICHAEL, M. A. The Ormesby Psalter. Patrons and Artists in Medieval East Anglia, **Journal of the British Archaeological Association**, 171:1, 189-192. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00681288.2018.1542841>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PASTOUREAU, Michel. **Medievo Simbolico**. Editori Laterza. Ed. digital, 2017.

PASTOUREAU, Michel. **No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda: França e Inglaterra, séculos XII e XIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editora Estampa, 1998.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII)**. Trad. Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac, 2007.

SMITH, Kathryn. Margin. **Studies in Iconography**, v. 33, p. 47-60, 2012. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23924268>. Acesso em: 29 jul. 2019.

WISE, Terence; HOOK, Richard; WALKER, William. **Medieval Heraldry**. 1980.

VENTURA, Rejane Maria Bernal. A expressão visual da matéria cavaleiresca: heráldica. In: MONGELLI, Lênia Marcia [org]. **De cavaleiros e cavalaria: por terras de Europa e Américas**. São Paulo: Humanita